



Revista Mulemba
e-ISSN: 2176-381X
v. 15, n. 28, p. 24-45, 2023
DOI: 10.35520/mulemba.2023.v15n28a56710

Artigos Livres

A entrevista e os estudos das Literaturas Africanas em português

The interview and the studies of African Literatures in portuguese

La entrevista y los estudios de las Literaturas Africanas en portugués

Jessica Falconi 

Universidade de Lisboa, Centro de Estudos sobre África e Desenvolvimento, Lisboa, Portugal

E-mail: jessicafalconi@iseg.ulisboa.pt

Editoras-chefe

Carmen Lucia Tindó Secco
Vanessa Ribeiro Teixeira

Editores convidados

Andrea Cristina Muraro
Gabriel Chagas
Luciana Brandão Leal
Marlon Augusto Barbosa

Autora correspondente

Jessica Falconi
jessicafalconi@iseg.ulisboa.pt

Recebido: 01/02/2023

Aceito: 11/06/2023

Como citar:

FALCONI, Jessica.
A entrevista e os estudos das literaturas africanas em português. *Revista Mulemba*, v. 15, n. 28, p. 24-45, 2023. doi: <https://doi.org/10.35520/mulemba.2023.v15n28a56710>

Resumo

Este artigo defende que os livros de entrevistas fazem parte, “de pleno direito”, da história e da biblioteca crítica das literaturas africanas de língua portuguesa. Referimo-nos, em particular, à coleção de entrevistas *Encontros com escritores* de Michel Laban, publicada entre 1991 e 2002, e ao volume de depoimentos de escritores moçambicanos *Vozes moçambicanas. Literatura e nacionalidade* de Patrick Chabal, publicado em 1994. Trata-se de contribuições incontornáveis para a construção dos estudos das literaturas africanas de língua portuguesa que veicularam importantes mapeamentos dos espaços literários nacionais africanos. Partindo de uma introdução sobre a entrevista literária, procura-se compreender de que modo estes investigadores conceberam a entrevista como forma de construção do conhecimento em contextos literários e culturais periféricos, emergidos da dominação colonial. Consideram-se também outras experiências análogas e mais recentes para se refletir sobre a atual relevância da entrevista nos estudos destas literaturas.

Palavras-chave

Entrevista, história e crítica literária, literaturas africanas em português, Patrick Chabal, Michel Laban.

Abstract

This article argues that books of interviews form a “full right” part of the history and critical library of African literature in Portuguese. We refer, in particular, to the collection of interviews with writers by Michel Laban, published between 1991 and 2002, and to the volume of testimonials by Mozambican writers *Vozes Moçambicanas. Literatura e Nacionalidade* by Patrick Chabal, published in 1994. These are unavoidable contributions to the construction of studies of African literature in Portuguese, which also conveyed relevant maps of African literary national spaces. Starting from an introduction about the literary interview, the aim is to understand how these researchers conceived the interview as a form of knowledge construction in peripheral literary and cultural contexts, which emerged from the colonial domination. Other similar and more recent experiences are also considered in order to reflect on the current relevance of the interview in the studies of these literatures.

Keywords

Interview, literary criticism and history, knowledge construction, African literatures in Portuguese.

Resumen

Este artículo argumenta que los libros de entrevistas forman parte “de pleno derecho” de la historia e de la biblioteca crítica de las literaturas africanas en portugués. Nos referimos, en particular, a la colección de entrevistas a escritores de Michel Laban, publicada entre 1991 y 2002, y al volumen de testimonios de escritores mozambiqueños *Vozes Moçambicanas. Literatura e nacionalidade* de Patrick Chabal, publicado en 1994. Estas son contribuciones ineludibles para la construcción de los estudios de las literaturas africanas en lengua portuguesa, que también transmitieron cartografías importantes de los espacios literarios nacionales africanos. A partir de una introducción sobre la entrevista literaria, se pretende comprender cómo estos investigadores concibieron la entrevista como forma de construcción del conocimiento en contextos literarios y culturales periféricos, que emergieron de la dominación colonial. También se consideran otras experiencias similares y más recientes para reflexionar sobre la relevancia actual de la entrevista en los estudios de estas literaturas.

Palabras-clave

Entrevista, crítica e historia literaria, construcción del conocimiento, literaturas africanas en lengua portuguesa.

Introdução

A presença de entrevistas nos mais variados meios de comunicação e em diversos campos discursivos e disciplinares tem vindo a chamar cada vez mais a atenção de estudiosos de várias áreas para este género híbrido e flutuante. É sobretudo a partir da década de 1990 que os estudos sobre este género se têm desenvolvido mais sistematicamente, gerando uma vasta bibliografia que procura definir as características da entrevista, os usos e abusos bem como a sua história e a sua genealogia em diversas tradições culturais, destacando-se a entrevista literária com uma das declinações simultaneamente mais populares e mais difíceis de se teorizar. Já Philippe Lejeune (1980) considerou a entrevista como uma forma moderna de autobiografia enquanto que Gérard Genette procurou defini-la na perspectiva narratológica e no quadro da produção paratextual, enquadrando-a espacialmente no epitexto e categorizando-a como um epitexto público mediatizado (Genette, 1987).

Num artigo que teve grande influência nos estudos da entrevista, os sociólogos Paul Atkinson e David Silverman (1997) formularam a noção de “Interview society”, para se referirem à omnipresença deste género tanto no âmbito dos meios de comunicação social, quanto no domínio das ciências humanas e sociais. Este conceito serviu para descrever uma tendência geral para os modos confissionais como formas de construção de si, mas também para questionar a autenticidade e a espontaneidade atribuídas às entrevistas enquanto ferramenta de investigação. A sociedade da entrevista caracteriza-se, segundo os dois estudiosos, pelo impulso coletivo de atribuir um carácter inédito de autenticidade às formas de experiência pessoal. Assim, o sucesso da entrevista dependeria da sua natureza de confissão privada em público, com a promessa implícita de deixar o usuário acessar a esfera íntima do entrevistado, ao passo que, na verdade, seria uma forma de construção do eu.

Num artigo publicado em 2014, Masschelein *et al.* (2014a) realizaram um mapeamento dos estudos da entrevista em contextos literários e não literários e uma bibliografia anotada, mostrando que diversos estudos têm focado, principalmente, os dualismos estruturadores deste género, alguns dos quais já sugeridos por Claire Parnet em seu célebre diálogo com Gilles Deleuze: “em uma entrevista literária, há, antes de tudo, o dualismo entrevistador-entrevistado e depois, para-além, o dualismo homem-escritor, vida-obra no próprio entrevistado, e ainda o dualismo obra-intenção ou significação da obra” (Deleuze; Parnet, 1998, p. 29). Outros dualismos intrínsecos da entrevista dizem respeito à relação oralidade-escrita e à questão da autenticidade vs. fabricação (Portelli, 2010).

No que diz respeito às origens e funções da entrevista, ainda de acordo com Masschelein *et al.* (2014a), a maioria dos estudos abordaram estes aspetos no domínio dos meios de comunicação – jornais, televisão, rádio - em diferentes contextos

geográficos e tradições culturais, com especial destaque para a França, os Estados Unidos, Inglaterra e a Itália (Fastelli, 2019).

As propostas de classificação deste género transmedial e, no domínio da investigação científica, também transdisciplinar, têm focado ora a relação entre entrevistado e entrevistador em termos de simetria e assimetria; ora o produto em si, distinguindo entre entrevistas temáticas e entrevistas pessoais, sendo a entrevista literária muitas vezes uma combinação de ambas as tipologias, isto é, entrevistas que têm como tema a literatura, mas que também procuram traçar um perfil da personalidade de quem escreve, a sua trajetória biográfica, as suas opiniões. Outros estudos têm procurado complexificar esta classificação, identificando quatro tipos de entrevista: a entrevista com personalidade de renome, que tem a sua origem fora do contexto jornalístico, inserindo-se na tradição da visita; a entrevista temática; o inquérito/investigação, geralmente constituído por um conjunto de entrevistas para esclarecer um problema; e a entrevista breve com especialistas (Fastelli, 2019).

As várias sub-categorias de entrevistas têm vindo a ser propostas com base em diferentes critérios, como por exemplo os diferentes espaços e momentos, reais e mediatizados, da sua ocorrência e divulgação. Com base neste critério têm surgido outras classificações como aquela que distingue entre a conversa ritual, isto é, ligada a um evento específico (uma homenagem, um lançamento); a conversa jornalística, especificamente pensada para as colunas de um jornal; e a conversa na oficina, isto é, a entrevista realizada junto da casa ou do escritório de uma personalidade, o que também remonta à tradição da visita à grande personalidade (Masschelein *et al.* 2014a; Fastelli, 2019). Este último modelo, como se verá mais adiante neste artigo, é o que mais se aproxima das entrevistas realizadas no domínio das literaturas africanas em língua portuguesa.

Também a figura de quem conduz a entrevista tem sido analisada em função do seu posicionamento em relação ao tema e à pessoa entrevistada. Nalguns estudos foram identificadas pelo menos três tipologias referentes a esta figura: a tipologia “nos bastidores”, que consegue delinear o perfil da pessoa entrevistada com intervenções invisíveis e muito limitadas; a tipologia coadjuvante, que se coloca como presença secundária no diálogo, dirigindo-o por meio de perguntas ou intervenções explícitas, em direção ao que mais lhe interessa; e, finalmente, a tipologia intrusiva, que tende a interferir continuamente nas palavras da pessoa entrevistada, buscando efetivamente o centro do palco (Fastelli, 2019).

Os protocolos de transcrição, edição e publicação/divulgação das entrevistas não podiam deixar de entrar na equação das diferentes reflexões sobre o género e dizem respeito, de forma ainda mais pertinente, ao uso da entrevista como ferramenta e material de investigação. Assim, tem-se teorizado a possível existência da “entrevista-verdade”, à maneira do cinema-verité, ou seja uma entrevista que reproduz fielmente, sem nenhum tipo de intervenção, o que foi dito oralmente. É evidente que se trata

de casos muito raros, quase utópicos, porque “a passagem entre o encontro real e a forma final que o representa em forma escrita ou audiovisual resulta de um trabalho de seleção, organização e síntese que restabelece uma gramática, define um tempo e um espaço através da narrativa” (Fastelli, 2019, p. 14, tradução nossa)¹. E é este também um dos motivos da afirmação e legitimação do género, que encontra na publicação em livro uma importante consagração. Seja qual for a classificação mais completa ou adequada de um género que tem vindo cada vez mais a assumir funções e características as mais diversificadas, foi-se afirmando uma abordagem da entrevista que a aproxima cada vez mais do exercício crítico, do repertório documental e de fonte para o conhecimento das dinâmicas polimórficas das sociedades culturais e literárias (Masschelein *et al.*, 2014a).

Esta breve síntese introdutória, baseada nos mapeamentos já realizados por Masschelein *et al.* (2014a; 2014b) e Fastelli (2019), mostra claramente que a maioria dos estudos têm como coordenadas principais o desenvolvimento da cultura de massa em contextos ocidentais, existindo um vazio significativo no que se refere às zonas periféricas do sistema literário global. No entanto, sobretudo em contextos emergidos da dominação colonial, a entrevista literária, analogamente à história oral, parece ocupar um lugar de destaque como ferramenta de investigação e de construção de fontes menos marcadas pela fragilidade inerente às epistemologias coloniais e ocidentais (Grangaud, 2008). Tais parecem ser os pressupostos, por exemplo, do volume de entrevistas a escritoras latinoamericanas organizado por Bridget Kevane e Juanita Heredia, que enquadram o uso desta ferramenta numa “forma alternativa de crítica literária, tanto pessoal, quanto pedagógica, analítica e reflexiva” (Kevane; Heredia, 2000, p. 1, tradução nossa)². O mesmo pode afirmar-se em relação ao volume *Talking with african writers*, que reúne entrevistas com quinze escritores africanos, realizadas entre 1987 e 1990 por Jane Wilkinson (1992). Na introdução ao volume, a autora questiona o estatuto da entrevista “como uma espécie de apêndice das fontes primárias relativas à obra de um autor ou como um ingrediente estranhamente não classificado da bibliografia secundária” (Wilkinson, 1992, p. 4). É nesta perspetiva que se pretende aqui enquadrar o uso da entrevista no domínio das literaturas africanas de língua portuguesa por estudiosos como Patrick Chabal e Michel Laban, considerando-se também outras experiências análogas e mais recentes, que serão abordadas na parte final do artigo.

¹ Do original: “Il passaggio tra l’incontro realmente avvenuto e la forma finale che lo rappresenta per iscritto o in forma audiovisiva consiste in un lavoro di selezione, organizzazione e sintesi che ne ristabilisce una grammatica, ne definisce un tempo e uno spazio attraverso la narrazione”.

² Do original: “an alternative form of criticism that is both personal and pedagogical, analytic and reflective”.

Utilizamos aqui, como estes estudiosos também fizeram, o termo “entrevista” para nos referirmos, na realidade, a resultados textuais que apresentam certas diferenças, resultantes do posicionamento de quem entrevistou, dos seus objetivos e dos seus protocolos de transcrição e edição. Ao olharmos mais de perto para os volumes de Patrick Chabal e Michel Laban, estas diferenças aparecerão mais evidentes.

Vozes moçambicanas. Literatura e Nacionalidade de Patrick Chabal

Como realça Clara Carvalho, Patrick Chabal, historiador e cientista político sediado no King’s College de Londres, foi um pioneiro da constituição do campo de estudos interdisciplinares sobre a África lusófona, surgido na década de 1980 “por contraponto aos estudos sobre a África Francófona, Anglófona ou Arabófona” (Carvalho, 2014, p. 14). As suas contribuições para este campo de estudos incidiram na análise das especificidades da África lusófona e mostraram “como as ex-colónias portuguesas de África partiam de diferentes estruturas conceptuais e, conseqüentemente, tinham evoluído de maneiras culturais e políticas muito diferentes” (Ribeiro; Rothwell, 2020, p. 12). Esta perspetiva orientou também a abordagem de Chabal das literaturas africanas de língua portuguesa, que foram objeto do seu interesse científico enquanto produções culturais fortemente marcadas pelos processos políticos e sociais. Esta abordagem refletiu-se quer na edição da obra seminal *The Postcolonial Literature of Lusophone Africa* (Chabal, 1996), em que sobressai o enquadramento histórico e político das produções literárias dos cinco países africanos de língua oficial portuguesa, quer no livro de entrevistas *Vozes moçambicanas. Literatura e nacionalidade*, publicado em 1994 pela Editora Vega, no âmbito da coleção Palavra Africana, dirigida por Ana Mafalda Leite³.

O livro reúne 22 entrevistas com escritores moçambicanos⁴, realizadas entre 1986 e 1992. Como é evidente, o primeiro termo escolhido para o título – *Vozes* – põe a ênfase na dimensão oral e falada da entrevista, marcando a sua ligação ao domínio da história oral, o que se coaduna com a afiliação disciplinar de Chabal. Por outro lado, a tônica na dimensão oral e falada remete não apenas para uma característica

³ Embora de duração efémera, esta coleção contribuiu de forma relevante para a biblioteca crítica das literaturas africanas de língua portuguesa, com a publicação de volumes como *A Poética de José Craveirinha* e *A Modalização Épica das Literaturas Africanas* de Ana Mafalda Leite; *O Desafio Africano* de José Carlos Venâncio.

⁴ Orlando Mendes, José Craveirinha, Noémia de Sousa, Fonseca Amaral, Eugénio Lisboa, Rui Nogar, Rui Knopfli, Malangatana, Fernando Ganhão, Calane da Silva, Jorge Viegas, Albino Magaia, Juvenal Bucuane, Luís Carlos Patraquim, Mia Couto, Paulina Chiziane, Pedro Chissano, Ungulani Ba Ka Khosa, Armando Artur, Suleiman Cassamo, Eduardo White, Nelson Saúte.

estruturante da entrevista em si, mas também para a dimensão da oralidade enquanto fenómeno cultural constitutivo das literaturas africanas escritas. Este aspeto é confirmado pela secção da ampla introdução do autor dedicada à relação entre cultura e literatura africana e à desconstrução da dicotomia “cultura tradicional oral africana” vs. “a designada ‘moderna’ literatura escrita” (Chabal, 1994, p. 23). Nesta perspetiva, a arquitetura do livro de Chabal projeta uma espécie de jogo de espelhos: tanto a entrevista (transcrita e editada), quanto as literaturas africanas, inscrevem-se no interface oralidade/escrita, isto é, há uma relação direta entre a forma e o conteúdo. A este propósito, cabe realçar que o título do livro de Wilkinson já mencionado aponta para uma relação análoga entre a forma – *Talking with* – e o conteúdo – *African Writers*, o que, a nosso ver, torna credível a hipótese de a entrevista ser um exemplo de ferramentas oriundas das formas de comunicação da cultura de massa e dos paradigmas disciplinares do Ocidente que ganha relevância e especificidade ao ser utilizada em domínios culturais e epistemológicos não ocidentais. O próprio Chabal afirma que o trabalho produzido constitui um “importante material de pesquisa”, a ser utilizado para futuros enquadramentos históricos e críticos da literatura moçambicana, ainda mais relevante “em casos como o de Moçambique em que há tão pouco material histórico digno de confiança” (Chabal, 1994, p. 8-9), inscrevendo abertamente o uso da entrevista no âmbito de uma biblioteca crítica e historiográfica das literaturas africanas.

O outro elemento do título do livro, reforçado pelo subtítulo *Literatura e nacionalidade*, foca, de imediato, um dos temas principais das entrevistas, isto é, a questão da nação e o papel da literatura na construção da nacionalidade. Chabal desenvolve este tema na introdução e procura enquadrar a literatura moçambicana no contexto das literaturas do continente africano, sublinhando o seu estatuto periférico, devido, principalmente, às especificidades da dominação colonial portuguesa em Moçambique; ao estatuto da língua portuguesa no país; ao impacto da luta de libertação nacional e aos conflitos da época pós-independência.

Chabal enuncia explicitamente os objetivos gerais das suas entrevistas: contribuir para reconstruir as origens e o desenvolvimento da literatura moçambicana; definir o que é a literatura moçambicana e quem são os escritores moçambicanos; indagar qual o papel da literatura na construção da identidade nacional moçambicana (Chabal, 1994, p. 7). Estes objetivos foram ‘traduzidos’ em perguntas sobre quatro tópicos principais: a trajetória pessoal da pessoa entrevistada; as suas influências literárias; o seu ponto de vista sobre a literatura moçambicana e o papel desta na construção da identidade nacional (Chabal, 1994, p. 11).

É de salientar que o investigador descreve, ainda que de forma sucinta, os protocolos de edição das entrevistas, afirmando ter reorganizado o material de acordo com os seus objetivos, cortando segmentos e rearrumando sequências de forma a dar coêrência, mas ao mesmo tempo garante que o livro é uma reprodução fiel e exata

das conversas ocorridas. O resultado são textos em forma de depoimento em que é suprimida a estrutura de perguntas e respostas típica da entrevista, o que levaria a identificar em Chabal a tipologia do “entrevistador nos bastidores” (Fastelli, 2019), cujo objetivo é conseguir gerir a entrevista quase sem intervir nela. Cabe realçar que as opções de edição de Chabal produzem uma presença do entrevistador mediada pela fala do entrevistado, sendo percebida pelos leitores através da repetição da pergunta no corpo dos depoimentos, como nos seguintes exemplos:

Para quem é que nós escrevíamos? [...] Quais são os objetivos principais da revolução moçambicana? [...] Literatura moçambicana? [...] O problema da avaliação literária? (Chabal, 1994, p. 73-84, Orlando Mendes).

Tenho uma dificuldade enorme em falar disso, do que é a poesia moçambicana [...] O que queria fazer com a minha poesia? (Chabal, 1994, p. 126-145, Fonseca Amaral).

O debate sobre literatura moçambicana? [...] Se a temática dos jovens não tem que ver com a África? [...] A relação da literatura com o partido? (Chabal, 1994, p. 221-229, Calane da Silva).

Se os contos serão uma forma mais africana do que o romance? [...] Os brasileiros? [...] A crítica em Moçambique? (Chabal, 1994, p. 309-315, Ungulani Ba Ka Khosa).

Assim, se na representação transcrita, editada e publicada das entrevistas o entrevistador fica, de facto, nos bastidores, o seu posicionamento frente à matéria recolhida é essencialmente veiculado pela longa introdução, onde se esboça uma proposta de periodização e classificação histórico-literária da literatura moçambicana e dos seus produtores, assente na articulação de critérios histórico-políticos e temático-formais. No que toca à seleção de escritores a entrevistar, Chabal definiu critérios que lhe permitissem juntar uma amostra representativa de gerações, origens raciais e afiliações políticas, identificando quatro grupos principais: os brancos do tempo colonial; os não brancos do tempo colonial; os nacionalistas e pós-coloniais. O investigador tece também considerações sobre a importância da construção de um cânone literário aberto e mais inclusivo, aludindo às anteriores polémicas sobre a nacionalidade literária e às exclusões de alguns autores do corpus nacional da literatura moçambicana. Trata-se de polémicas e debates que remontam ao período colonial, desencadeadas por publicações individuais de críticos e escritores ou por recolhas e antologias de poesia publicadas nas décadas de 1950 e 1960, como no caso do debate entre o crítico Alfredo Margarido e o poeta Rui Knopfli. Tais debates ressurgiram também logo a seguir à independência, estruturando-se em torno do conceito de “moçambicanidade literária”, entendida por alguns como expressão

literária da identidade coletiva forjada pela luta de libertação nacional, por outros como dimensão mais especificamente estética, assente na mobilização de repertórios culturais mais diversificados. Frente a estes debates, o posicionamento de Chabal e a seleção de entrevistas recolhidas é de especial interesse para a crítica e a história da literatura moçambicana na medida em que incide mais na reconstituição dos elementos que contribuíram para a emergência de um espaço literário nacional em Moçambique, do que na construção de um cânone representativo da literatura nacional moçambicana. Convoca-se aqui o conceito de “espaço literário nacional” utilizado por Pascale Casanova na construção do seu modelo de análise do espaço literário internacional, designado de *República mundial das letras* (Casanova, 2004). Analisando a íntima relação que historicamente se foi estabelecendo entre literatura e nação na emergência e unificação do espaço literário internacional, por outro lado a autora aponta para os vários casos de espaços literários emergidos “na ausência de um Estado formalmente constituído” (Casanova, 2004, p. 104, tradução nossa)⁵. Esta observação lembra-nos do célebre “Poema do futuro cidadão” de José Craveirinha (1964): embora Moçambique tivesse existência jurídico-política no quadro da dominação colonial portuguesa, o seu espaço literário nacional se foi construindo antes da constituição do Estado independente e em rutura com o discurso cultural da nação portuguesa. De fato, Casanova realça que “os espaços literários nacionais não devem ser confundidos com os territórios nacionais” (Casanova, 2004, p. 206, tradução nossa)⁶. Focando o que define de “pequenas literaturas”, entendidas como tradições literárias periféricas emergentes, desprovidas do capital literário e cultural próprio das literaturas dos centros, Casanova fornece um conjunto de elementos relevantes para a análise da emergência do espaço literário nacional em territórios colonizados como Moçambique, permitindo reequacionar também as escolhas e o enquadramento propostos por Patrick Chabal. Assim, o apelo para a construção de um cânone mais aberto e inclusivo, que haveria de vincar nas posteriores propostas de sistematização histórico-literária da literatura moçambicana (Ribeiro; Meneses, 2008) reflete-se na periodização e classificação propostas por Chabal na introdução, cujo intuito é iluminar os diferentes “recursos literários e culturais” de que o espaço literário nacional moçambicano se foi dotando para constituir-se enquanto tal. A noção de recursos literários é utilizada frequentemente por Casanova para “medir” as diferenças e desigualdades, em termos de “capital literário”, entre as grandes e as pequenas literaturas, e refere-se a um conjunto de elementos materiais e imateriais que se vão acumulando nos diferentes espaços literários nacionais – livros, traduções,

⁵ Do original: “literary spaces have been able to appear in the absence of a formally constituted state”.

⁶ Do original: “national literary space must not be confused with national territory”.

estilos, géneros, etc. Assim, lida nesta perspetiva, a introdução de Chabal, ao debruçar-se sobre o objeto “literatura moçambicana”, procura dar conta da acumulação dos recursos literários que haveria de permitir a unificação do espaço literário nacional.

Chabal separa o período colonial do pós-independência, identificando para o primeiro, quatro “elementos culturais distintos” (Chabal, 1994, p. 39). O primeiro é “a cultura mestiça”, vigente até à década de 1940 e essencialmente veiculada pelo associativismo cultural dos mestiços, que inclui o trabalho jornalístico e editorial dos irmãos José e João Albasini, e pela poesia “precursora” de Rui de Noronha. Este poeta é considerado expoente da chamada fase de “assimilação” do desenvolvimento geral da literatura em contextos coloniais. Chabal caracteriza esta fase como tentativa dos primeiros escritores africanos em provar as suas habilidades literárias imitando os modelos europeus. Como se realça noutro artigo (Falconi, 2021), a periodização geral de Chabal é derivada do modelo de evolução literária elaborado por Franz Fanon, que, de facto, identificava esta primeira fase de total dependência literária dos modelos europeu e metropolitanos. Cabe realçar que também Casanova identifica a assimilação como etapa de formação do espaço literário nacional, equacionando-a como

o nível mais baixo de revolução literária, o roteiro obrigatório de todo aprendiz de escritor de uma região empobrecida sem recursos literários próprios - por exemplo, uma área colonizada antes da formação de um movimento pela independência ou a proclamação de uma identidade nacional distintiva (Casanova, 2004, p. 207, tradução nossa)⁷.

O segundo elemento que caracteriza o espaço literário moçambicano de acordo com Chabal, e que é interessante salientar na perspetiva de um mapeamento dos recursos literários deste espaço, é “a literatura europeia ou os textos dos moçambicanos brancos”, isto é, uma categoria em que cabe toda uma série de poetas de várias gerações, como Alberto Lacerda, Reinaldo Ferreira, Rui Knopfli, Glória de Sant’Anna, etc., e cuja inclusão é discutida por Chabal numa perspetiva que aponta para a necessidade de autonomização do espaço literário em relação ao espaço político-nacional:

Uma jovem literatura autónoma e segura como a moçambicana não tem nada a perder mas antes tudo a ganhar com a aceitação mais ampla da sua ascendência. [...] Um compromisso com

⁷ Do original “the lowest level of literary revolt, the obligatory itinerary of every apprentice writer from an impoverished region having no literary resources of its own—for example, a colonized area prior to the formation of a movement for independence or the proclamation of a distinctive national identity”.

Moçambique, enquanto nova nação, ou uma tentativa deliberada de fazer poesia moçambicana escolhendo temas, imagens, metáforas, linguagem, etc., pode ter sido importante como afirmação política. A longo prazo é, no entanto, menos importante para a literatura *qua* literatura do que o mérito poético do que foi sendo escrito (Chabal, 1994, p. 43-46).

Na categoria dos “europeus”, Chabal menciona também figuras de artistas e críticos literários que contribuíram para o desenvolvimento da literatura moçambicana na medida em que, de acordo com o modelo de Casanova, participaram na acumulação de valor e recursos literários e culturais do espaço literário em construção. Daí a inclusão da entrevista a Eugénio Lisboa, figura de difícil enquadramento se se tratasse de veicular um cânone da literatura moçambicana, sendo que a sua atuação no período colonial em Moçambique foi marcante, sobretudo, no domínio da crítica literária e na dinamização do debate cultural, como revelam as suas contribuições em jornais como *A Voz de Moçambique* e *Tribuna*. Assim, a inclusão de Eugénio Lisboa na seleção dos entrevistados, tal como de outras personalidades ligadas à construção da moçambicanidade literária e artística, como é o caso do pintor Malangatana, parece-nos confirmar que a intenção da recolha de Chabal se prendia menos com a construção de um cânone nacional da literatura moçambicana do que com o mapeamento do espaço literário em construção em Moçambique, como já foi mencionado.

O terceiro elemento cultural identificado por Chabal é a “literatura revolucionária”, fortemente marcada pela luta de libertação nacional, constituindo, no modelo de Casanova, o polo menos autónomo do espaço literário nacional moçambicano. Chabal também identifica a dependência da literatura em relação à política e à ideologia, salientando a escassa capacidade de inovação, no plano estético, deste tipo de literatura. É evidente que o propósito de sintetizar as principais vertentes constitutivas do espaço literário moçambicano não permite a Chabal aprofundar a produção designada de revolucionária, o que haveria de ser feito pelo trabalho de Maria Benedita Basto, no qual se demonstra a bem mais complexa realidade e diversificação desta produção poética (Basto, 2006).

O quarto elemento, ao qual Chabal dedica uma parte significativa da sua introdução às entrevistas é a chamada “literatura da moçambicanidade”, de que a poesia de José Craveirinha é considerada especialmente exemplificativa. Trata-se, no entanto, de uma categoria abrangente, que acaba por incluir também escritores classificados de acordo com as outras vertentes. De resto, como o próprio Chabal reconhece, as categorias propostas não pretendem ser rígidas e fechadas, cabendo alguns escritores em mais do que uma.

Não abordaremos, por razões de espaço, as tendências identificadas por Chabal no período pós-independência, nomeadamente, a poesia individualista e a ficção popular. Cabe salientar, no entanto, a avaliação global que Chabal faz do conjunto da produção literária moçambicana pós-colonial: “Os jovens escritores já não criam literatura moçambicana *ex nihilo*, mas estão a trabalhar dentro de uma tradição relativamente bem sucedida.” (Chabal, 1994, p. 39). Emerge, neste comentário, a perceção da acumulação de recursos literários ‘suficientes’ para a constituição de um espaço literário nacional mais autónomo em relação ao passado, constituindo as entrevistas uma forma de dar visibilidade e voz a este espaço, se não no âmbito do espaço literário internacional, pelo menos no quadro das literaturas africanas de língua portuguesa. Surgido como uma espécie de inquérito sobre o que é a literatura moçambicana e editado de acordo com um protocolo que aparentemente coloca o entrevistador nos bastidores, o livro de entrevistas organizado por Chabal acaba por esclarecer menos a visão da literatura moçambicana dos próprios escritores, do que aquela de Chabal, sendo o objetivo melhor atingido o de iluminar as trajetórias pessoais e literárias dos entrevistados e, sobretudo, o de mapear a constituição do espaço literário nacional moçambicano ilustrando quer a acumulação de recursos literários ao longo do tempo – isto é, a construção de uma tradição literária nacional – quer o posicionamento, neste espaço, de diferentes grupos ou categorias de escritores. Trata-se de uma contribuição relevante para a história e a crítica da literatura moçambicana especialmente se lida em diálogo com o modelo de desenvolvimento do espaço literário internacional formulado por Casanova, como se procurou demonstrar.

Michel Laban e os seus *Encontros com escritores*

Investigador e professor catedrático da Universidade Sorbonne Nouvelle/Paris, Michel Laban foi uma figura chave para a circulação das literaturas africanas de língua portuguesa na França e para a consolidação e internacionalização do campo de estudos destas literaturas. Foi também tradutor literário para o francês de várias obras de língua portuguesa, entre as quais destacam *Chiquinho* de Baltasar Lopes; *Nous avons tué le chien teigneux* [Nós matámos o cão tinoso] de Luís Bernardo Honwana; *L'esprit des eaux* [O Desejo de Kianda] de Pepetela; *La maison vieille des rives* [A casa velha das margens] de Arnaldo Santos; *Le porc-épique: roman* [Quem me dera ser onda] de Manuel Rui; *La saison de fous* [Estação das Chuvas] de José Eduardo Agualusa; *Nous autres de Makulusu* [Nós, os do Makulusu], *João Vêncio: ses amours* [João Vêncio: os seus amores] e *Autrefois, dans la vie* [No antigamente, na vida] de José Luandino Vieira.

O trabalho de Laban no domínio da entrevista literária é bastante diferente do de Patrick Chabal, por várias razões. Em primeiro lugar, Laban recolheu entrevistas com escritores de quatro países africanos de língua portuguesa, a saber: Angola

(Laban, 1991)⁸, Cabo Verde (Laban, 1992)⁹, Moçambique (Laban, 1998)¹⁰ e São Tomé e Príncipe (Laban, 2002)¹¹, chegando a publicar um total de oito volumes de entrevistas, aos quais se junta o livro-entrevista a Mário Pinto de Andrade (Laban, 1997). Como o próprio Laban declarou (Laban, 1991, p. 5), a opção por uma recolha sistemática e alargada de entrevistas com escritores surgiu na sequência de uma primeira entrevista com Luandino Vieira, da qual resultou o volume *Luandino - José Luandino Vieira e a sua obra*, (Laban, 1980). Dada a vastidão desta obra, constituída por 88 entrevistas, optamos por ensaiar uma abordagem global, salientando as características principais e comuns aos vários conjuntos ‘nacionais’.

Partindo novamente do título, a ideia de “encontro” realça a dimensão relacional e dialógica da entrevista. Evoca o encontro real dos corpos, no espaço e no tempo, e remete para a tradição da visita à grande personalidade (Fastelli, 2019) que, na tradição francesa, se traduziu no género do “entretien”. A este propósito, recorreremos novamente a Gérard Genette, que introduziu uma distinção significativa entre “interview” e “entretien”: de acordo com esta distinção, “interview” designa um diálogo geralmente breve e dirigido por um jornalista profissional, centrado na publicação de um livro ou outro evento específico, enquanto que “entretien” aponta para uma conversa mais extensa e aprofundada, não necessariamente ligada a um evento particular, gerida por um mediador fortemente ligado à obra literária ou à pessoa entrevistada (Genette, 1987). Julgamos que os encontros de Laban se

⁸ Vol. I: Oscar Ribas, Raul David, Aires de Almeida Santos, Uanhenga Xitu, António Jacinto, Domingos Van Dúnem, Antero Abreu, Henrique Abranches, António Cardoso, Mário António, Luandino Vieira, Manuel dos Santos Lima, Fernando Costa Andrade. Vol. II: Arnaldo Santos, Arlindo Barbeitos, Jofre Rocha, Ruy Duarte de Carvalho, Manuel Rui, Jorge Macedo, Pepetela, Boaventura Cardoso, Paula Tavares, Encontro com jovens escritores (António de Azevedas, E. Bonavena, Lopito Feijó e Eduardo F. Pimenta).

⁹ Vol I: Baltasar Lopes, Manuel Lopes, Manuel Ferreira, Henrique Teixeira de Sousa, Luís Romano, Aguinaldo Brito Fonseca, Orlanda Amarílis, Teobaldo Virgínio, Gabriel Mariano. Vol. II: Corsino Fortes, Oswaldo Osório, João Varela, Mário Fonseca, Arménio Vieira, João Henrique Oliveira Barros, Manuel Veiga, Rui Figueiredo, Leão Lopes e Germano Almeida, Jorge Carlos Fonseca, Jorge Miranda Alfama, José Luís Hopffer Almada, Manuel Delgado e Manuel Brito Semedo, Tomé Varela da Silva.

¹⁰ Vol. I: Aníbal Aleluia, José Craveirinha, Glória de Sant’Anna, Ascêncio de Freitas, Noémia de Sousa, Virgílio de Lemos. Vol II: Rui Knopfli, Lília Momplé, Sebastião Alba, Sérgio Vieira, Luís Bernardo Honwana, Heliodoro Baptista, Leite de Vasconcelos, Calane da Silva, Júlio Carrilho, Albino Magaia. Vol III: Jorge Viegas, Marcelo Panguana, Luís Carlos Patraquim, Paulina Chiziane, Mia Couto, Ungulani Ba Ka Khosa, Filimone Meigos, Elton Rebello, Suleiman Cassamo, Armando Artur, Eduardo White, Chagas Levene, Celso Manguana, Rui José Cardoso e Bruno Macame.

¹¹ Luís Cajão, Sum Marky, Alda Espírito Santo, Manuela Margarido, Fernando de Macedo, Tomás Medeiros, Sacramento Neto, Amadeu Quintas da Graça, Albertino Bragança, Olinda Beja, Francisco Costa Alegre, Jerónimo Salvaterra, Armindo Vaz d’Almeida, Frederico Gustavo dos Anjos, Aito Bonfim, Lúcio Pinto, Albertino Will Pires dos Santos.

aproximam desta modalidade, o que também se coaduna com a sua formação e vivência no contexto literário e académico francês.

Nos vários volumes de entrevistas recolhidas, Laban insere páginas introdutórias que, embora de curtíssima extensão, revelam igualmente os objetivos e as motivações deste trabalho monumental. Laban considera a atividade de entrevistar como “uma tarefa a um tempo secundária e essencial” (Laban, 2002, p. 5): secundária em relação ao estatuto de fonte primária da obra literária, mas essencial para a sua contextualização sócio-histórica. De facto, as entrevistas surgem para fazer frente, de acordo com as suas palavras, “à dificuldade de acesso à informação sobre os autores, as suas experiências culturais, os contextos sociais em que as obras tinham sido publicadas” (Laban, 1998, p. 5), bem como mapear os contatos literários, os projetos culturais ou os organismos e as entidades que facilitaram a interação, a criação de redes e tertúlias. Estamos, novamente, perante um projeto de mapeamento da constituição dos espaços literários em contextos coloniais e pós-coloniais, onde a entrevista parece representar uma ferramenta privilegiada para a recolha de informação sobre relações e posicionamentos dos escritores nestes espaços em construção. O próprio Laban refere diversos aspetos que, a nosso ver, traduzem a especificidade da investigação dos contextos de dominação colonial: “Não é indiferente, por exemplo, saber se um autor foi educado num meio rural, se falava uma língua local, ou, ainda, se ocupava um posto de responsabilidade política quando elaborou a obra” (Laban, 2002, p. 5). Tal como Chabal, também Laban considera as entrevistas um material de interesse para os estudiosos de literatura, inscrevendo-as de pleno direito nas fontes de pesquisa para o estudo das literaturas africanas de língua portuguesa.

Diversamente de Chabal, Laban mantém a tradicional estrutura pergunta-resposta, atuando como entrevistador coadjuvante, isto é, mantendo-se num lugar secundário e direcionando a entrevista com intervenções limitadas e pouco intrusivas. Alguns exemplos das perguntas de abertura das entrevistas revelam o tipo de informação procurada por Laban, os temas tratados, mas também o alto nível de preparação do entrevistador, bem como a estrutura subjacente à conversa aparentemente livre e espontânea. Os primeiros passos no mundo da criação literária; a importância da infância; a evolução da própria obra são as perguntas inaugurais recorrentes, mas também comentários específicos sobre livros, poemas, entrevistas anteriores, bem como considerações gerais sobre a literatura do país em foco ou sobre a posição do próprio escritor em relação aos outros, na tentativa de mapear os posicionamentos individuais nos espaços literários em construção. Além de iluminar as trajetórias pessoais, intelectuais e políticas dos entrevistados, as perguntas do entrevistador procuram também aprofundar a dimensão estética e exegética das obras literárias, as motivações para a escrita, as redes de relações ou as dimensões da solidão e do isolamento.

Segue um apanhado das perguntas de abertura, que além dos tópicos mencionados, demonstra também a ampla versatilidade do entrevistador:

OSCAR RIBAS: Gostaria de saber se se considera mais escritor ou mais etnógrafo (Angola, v. I, p. 11).

UANHENGA XITU: Numa entrevista que deu em 1979 (*Lavra & Oficina*, n. 7), dizia: “Até agora nunca me considere escritor. Faço apanhado para o escritores.” Poderia explicar esta declaração? (Angola, v. I, p. 113).

MÁRIO ANTÓNIO: Em que condições sentiu pela primeira vez o desejo de escrever? (Angola, v. II, p. 373).

LUANDINO VIEIRA: Dirijo-me, primeiro, ao secretário-geral da União dos Escritores Angolanos: que pensas da literatura angolana desde a Independência? Consideras este período como um período de crise? – uma crise que se explicaria pela inversão do papel dos escritores antes e depois da Independência: ele já não luta contra um sistema, mas está associado a um processo de reconstrução... Isto paralisa-o, muitas vezes... (Angola, v. I, p. 411).

RUY DUARTE DE CARVALHO: Como é que te situas em relação aos outros escritores angolanos? (Angola, v. II, p. 697).

BALTASAR LOPES: Poderia precisar a data em que escreveu *Chiquinho*? (CV, v. I, p. 11).

ORLANDA AMARILIS: Teria a sua criação literária sido afectada pelo facto de há muito tempo estar ausente de Cabo Verde? (CV, I v., p. 263)

GABRIEL MARIANO: Faço esta primeira pergunta ao autor de “Capitão Ambrósio”. Pensa que o escritor tem deveres em relação à sua terra? (CV, v. I, p. 296).

RUI KNOPFLI: Poderia evocar as suas primeiras experiências culturais? Qual foi a sua primeira percepção da África, da Europa, da Ásia da sua infância? (Moçambique, v. II, p. 441).

LÍLIA MOMPLÉ: Teve uma experiência bastante diferente da maior parte dos outros escritores, por viveu fora de Moçambique, em Portugal, em Londres, no Brasil. Essa experiência cultural teve importância na sua motivação para escrever? (Moçambique, v. II, p. 583).

Veja-se também o caso da entrevista a Virgílio de Lemos, em que há uma inicial inversão dos papéis, sendo o escritor quem dá início à conversa:

VIRGÍLIO DE LEMOS: “Sugiro que me perguntes: “Acabas de regressar de Moçambique. O que é que viste? Quais foram as tuas emoções, trinta anos depois?”. Na segunda pergunta poderia falar-se do regresso ao país natal – um título que lembra o Aimé Césaire ... E eu explico e tal... (Moçambique, v. I, p. 349).

Em todos os volumes aparecem longas entrevistas que sugerem o formato de um livro, tal como aquela com Arlindo Barbeitos, no segundo volume de Angola, com 142 páginas, ou aquela com Rui Knopfli, no segundo volume de Moçambique, com 138.

Se o critério das diferentes gerações é comum ao trabalho de Chabal, o elemento distintivo de Laban é a forma de abordar os jovens escritores, entrevistados em sessões conjuntas, de modo a realçar as novas dinâmicas de grupos, projetos, revistas, como no caso das conversas com jovens angolanos, caboverdianos e moçambicanos, nos respetivos volumes.

No trabalho de edição sobressai a construção da matéria recolhida enquanto ferramenta de estudo e pesquisa, através da inclusão de dois elementos principais: o índice temático de cada entrevista (Figura 1), cujo intuito é facilitar a leitura e identificar trechos de interesse, e o índice analítico final.

Como demonstra o índice analítico final incluído em todos os volumes, são abordados nas entrevistas também conceitos e tópicos relevantes e transdisciplinares para os estudos literários, culturais, sociais e históricos dos países africanos de língua portuguesa, tais como: a africanização dos europeus; a alfabetização; a questão dos assimilados, a censura; o conflito de gerações; o trabalho contratado; a cultura tradicional; a relação entre o escritor e o povo; a questão das línguas nacionais e da língua portuguesa; o marxismo; as relações raciais, a segregação, e a discriminação. Assim, as entrevistas funcionam como construção de fontes de informação e de conhecimento sobre uma multiplicidade de temas, contextos e conceitos que acabam por criar histórias multifacetadas e polifónicas das literaturas africanas de língua portuguesa. No seu conjunto, trata-se de um trabalho que atingiu o estatuto de fonte primária para os estudos destas literaturas, constituindo um arquivo que por vezes substitui uma parte relevante da historiografia literária e cultural destes países, uma história que articula o público e o privado, o individual e o coletivo, o oral e o escrito, em forma de encontros/entrevistas.

ENCONTRO COM NOÉMIA DE SOUSA

| | |
|--|----------|
| O primeiro poema, a «Canção fraterna» | 243, 250 |
| Posição dos pais em relação aos estudos dos filhos..... | 243-244 |
| A biblioteca do pai | 244-245 |
| Os jornalinhos passados à máquina (1937-1938)..... | 246 |
| As origens da família..... | 246-247 |
| Menos discriminação racial, antes do Acto Colonial | 247 |
| O cargo do pai | 248 |
| As reivindicações dos que escreviam no <i>Brado Africano</i> | 248-249 |
| O jornal da escola | 249 |
| «Achava que as pessoas escreviam sempre sobre Portugal»..... | 249 |
| «Achava que as pessoas estavam a voltar as costas à realidade» | 250 |
| As iniciais da assinatura..... | 250-251 |
| «Poema» («Mãe / Era noite e havia uma lua enorme»)..... | 251 |
| As capulanas da mãe..... | 251, 257 |
| Missões protestantes..... | 251-252 |
| Importância dos tios..... | 252 |
| O Grémio Africano, as tradições | 252-253 |
| Influência inglesa em Lourenço Marques | 253 |
| A casa da Catembe, a infância feliz | 253-255 |
| As visitas na casa, modestas ou importantes..... | 255-257 |
| «Tinha de tudo na minha família, só faltavam chineses» | 256 |
| O casamento dos pais | 257 |
| «O meu pai é que me ensinou a ler»..... | 258 |
| Missões católicas..... | 258-259 |
| O pai, católico praticante | 258 |
| As actividades do pai..... | 260 |
| As terras do pai | 260-261 |
| Os emigrantes e a «civilização»..... | 261 |
| «A minha família segue o trajecto da despromoção social que se verificou depois» | 261 |
| O negro, a instrução e a assimilação..... | 262 |
| Mondlane, o ronga, o português e o inglês..... | 264 |
| As condições de vida das populações do interior | 265 |
| A escola: «Vocês não têm vergonha de ser uma negra a saber mais português do que vocês»..... | 266-267 |
| Num machimbombo, um «senhor» «a troçar de mim»..... | 267 |

Figura 1. Índice temático da entrevista a Noémia de Sousa

Nação e narrativa pós-colonial II e IV. Angola e Moçambique – Cabo Verde, Guiné-Bissau e São-Tomé e Príncipe

Antes de passar para outras publicações em que quem escreve participou diretamente, cabe ainda mencionar um outro livro de entrevistas com escritores moçambicanos recolhidas pelo escritor Nelson Saúte sob o título *Os Habitantes da Memória* (Saúte, 1998). Como o título indica, trata-se de um projeto pessoal do escritor de recolha e registo de testemunhos, em forma de entrevista, junto de escritores com os quais o entrevistador teve uma relação muito próxima e que fazem parte da sua memória individual, mas também da memória colectiva do seu país e do seu espaço literário. Neste livro, as entrevistas – algumas delas póstumas – são precedidas de um parágrafo introdutório em que Saúte salienta a relação pessoal que teve com o escritor entrevistado. O projeto geral do livro e as opções de edição remetem para um tipo de entrevista em que o entrevistador, sendo ele próprio um escritor que pertence à tradição literária dos entrevistados, ocupa um lugar de destaque na interação. Embora tenhamos alguma hesitação em definir de “intrusivo” o papel de Nelson Saúte, pela conotação negativa que este termo pode acarretar, parece-nos evidente um posicionamento mais próximo desta tipologia de entrevistador em comparação com o de Chabal e Laban.

Reconhecendo a importância destes antecedentes, mas também ciente dos novos contextos de receção das literaturas africanas de língua portuguesa, a equipa do projeto Nação e narrativa pós-colonial, liderado por Ana Mafalda Leite, decidiu utilizar a ferramenta da entrevista para pensar a nação e a condição pós-colonial juntamente com alguns escritores africanos. Optou-se também por uma abordagem comparativa entre Angola e Moçambique, selecionando-se um número reduzido de entrevistas quer com escritores consagrados fora dos territórios nacionais, quer com escritores cuja circulação se tem dado principalmente dentro das fronteiras nacionais: Luandino Vieira, Ana Paula Tavares, Boaventura Cardoso, José Eduardo Agualusa, Ondjaki e Pepetela para Angola; João Paulo Borges Coelho, Marcelo Panguana, Mia Couto, Paulina Chiziane, Ungulani Ba Ka Khosa e Luís Carlos Patraquim para Moçambique. Em comparação com as anteriores seleções de entrevistas, este projeto registou a entrada no espaço literário moçambicano de João Paulo Borges Coelho, cuja estreia se deu em 2003 com o livro *As duas sombras do rio*.

A maioria das entrevistas foi recolhida entre 2010 e 2011, em Moçambique, Angola e em Portugal. Tratou-se quer de “entrevistas em painel” em que vários membros da equipa interagiram na entrevista com o escritor, quer de entrevistas a dois (um membro/um entrevistado). Preparou-se um guião de entrevista semi-estruturada

orientado por 4 tópicos principais: 1) O autor e o seu tempo social, com o intuito de enquadrar a experiência do escritor como cidadão, as suas memórias sociais; 2) Nação, narrativa e identidades: para focalizar o modo como o conceito de nação, através da construção narrativa, reflecte a configuração ou desconfiguração das identidades; 3) o Papel do intelectual e da literatura no contexto pós-colonial de Angola e Moçambique e 4) finalmente, as literaturas angolana e moçambicana enquanto sistemas, isto é, as considerações e percepções dos escritores frente aos patrimónios literários nacionais e as eventuais leituras cruzadas e comparativas destas literaturas. Além destes tópicos, foram abordadas outras questões, como as relações de género no domínio literário e cultural e o estado da arte da crítica e da instituição literária a nível interno.

Na fase de transcrição e edição manteve-se a estrutura de perguntas e respostas da entrevista oral, durante a qual procurou-se assumir o papel de entrevistadoras coadjuvante, com intervenções limitadas que porém pretendiam direccionar as entrevistas para os objetivos científicos do projeto, de acordo com o estilo de Michel Laban. Adaptando a metodologia de Laban, foram inseridos subtítulos temáticos no corpo das entrevistas transcritas e editadas que guiassem e facilitassem a leitura (Leite *et al.*, 2012).

Um segundo projeto, intitulado Narrativas Escritas e Visuais da Nação Pós-colonial. Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, deu continuidade ao primeiro e introduziu outro eixo de comparação, desta vez intermedial, pondo em diálogo a produção cinematográfica e audiovisual com a produção literária. A metodologia foi a mesma do projeto anterior e as entrevistas foram recolhidas nos três países em foco e em Portugal. As personalidades entrevistadas foram: Corsino Fortes, Oswaldo Osório, Arménio Vieira, Dina Salústio, Vera Duarte, Filinto Elísio (literatura), Leão Lopes, Júlio Silvão Tavares e Guenny Pires (cinema) para Cabo Verde; Tony Tcheka, Abdulai Silá, Odete Semedo, Waldir Araújo (literatura), Flora Gomes, Sana Na N’Hada e Adulai Jamanca (cinema) para a Guiné-Bissau; e Rafael Branco, Aíto Bonfim, Conceição Lima (literatura), Januário Afonso e Ângelo Torres (Cinema) para São-Tomé e Príncipe. Para além de se ilustrarem as trajetórias pessoais de escritores e cineastas, bem como os contextos de produção e receção das suas obras, procurou-se discutir com os entrevistados tópicos de interesse científico e cultural, tal como o papel da literatura e do cinema na construção da Nação em África; a atuação dos intelectuais na sociedade colonial e póscolonial; os caminhos futuros da criação literária e cinematográfica em África. Refletiu-se em conjunto sobre o modo como a literatura e o cinema têm vindo a discutir e espelhar as múltiplas vertentes das identidades nacionais e culturais, ao deslindar com as suas vozes e narrativas os limites da nação póscolonial, no que se refere à atual instituição literária e cinematográfica nos países em questão (Leite *et al.*, 2018).

Conclusões

Estes projetos mais recentes e outros que por razões de espaços não abordamos¹² demonstram tanto o legado das experiências anteriores, quanto a necessidade de experimentar novas vias e abordagens, mas também a vitalidade da entrevista enquanto ferramenta privilegiada para se ter acesso a informação, opiniões e experiências nas zonas periféricas do espaço literário internacional. Funcionam como metodologia reconhecidas e legitimadas de investigação no domínio dos estudos literários, sendo avaliadas positivamente pelos painéis de avaliação de projetos científicos. Por outro lado, é um facto que as entrevistas com escritores e artistas ocupam cada vez mais também secções de revistas científicas e académicas, ou são incluídas em coletâneas de ensaios, o que vem legitimar ainda mais o seu duplo estatuto de ferramenta e de resultado da investigação científica.

Há ainda que salientar que as reflexões teóricas e os debates em torno da descolonização do conhecimento (Meneses; Bidaseca, 2018) têm desafiado as metodologias tradicionais da investigação científica, colocando o diálogo entre os saberes científicos e outros saberes não científicos, bem como entre diferentes sujeitos de conhecimento no cerne de novos paradigmas epistemológicos e de co-construção e co-produção de conhecimento. Estas perspetivas levantam o desafio de se enfrentarem novas práticas, novos objetos e por vezes novas abordagens dos cânones literários e culturais dos países africanos e dos Sul global em geral. Caberá a uma recolha mais sistematizada, em forma de bibliografia anotada e/ou base de dados, reavaliar o amplo trabalho desenvolvido por diferentes investigadores, para redefinir as perguntas certas, em processos de co-construção de conhecimento e de diálogo, à maneira das boas entrevistas.

Referências

ATKINSON, Paul; SILVERMAN, David. Kundera's Immortality: The Interview Society and the Invention of the Self. *Qualitative Inquiry*, v. 3, n. 3, p. 304-325, 1997.

BASTO, Maria Benedita. *A guerra das escritas*. Lisboa: Vendaval, 2006.

CARVALHO, Clara. Patrick Chabal e a África Lusófona. *Caderno de Estudos Africanos*, v. 27, n. 1, p. 13-20, 2014.

¹² Vejam-se, no domínio do cinema, os volumes *Cinegrafias Moçambicanas*, organizado por Carmen Tindó Secco, Ana Mafalda Leite e Luís Carlos Patraquim (2019) e *Cinegrafias Angolanas*, por Secco, Ana Paula Tavares, Ana Mafalda Leite e Octávio Van-Dúnem (2022).

- CASANOVA, Pascale. *The world republic of letters*. Cambridge; London: Harvard University Press, 2004.
- CHABAL, Patrick. *The postcolonial literature of Lusophone Africa*. Londres; Chicago; Johannesburg: Hurst, Northwestern University Press & Witwatersrand University Press, 1996.
- CHABAL, Patrick. *Vozes Moçambicanas: Literatura e nacionalidade*. Lisboa: Vega, 1994.
- DELEUZE, Gilles, PARNET, Claire. *Diálogos*. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.
- FALCONI, Jessica. Para além da Nação? Outras 'declinações' nas literaturas africanas de língua portuguesa. *Abriu: Estudos de textualidade do Brasil, Galícia e Portugal*, v.10, p. 9-38, 2021.
- FASTELLI, Federico. *L'intervista letteraria*. Storia di un genere trascurato. Roma: Carocci, 2019.
- GENETTE, Gérard. *Seuils*. Paris: Seuil, 1987.
- GRANGAUD, Isabelle. Premessa. *Quaderni storici*, v.129, n. 3, p. 562-574, 2008.
- KEVANE, Bridget; HEREDIA, Juanita. *Latina Self-Portraits*. Interviews with Contemporary Women Writers. Albuquerque: University of New Mexico Press, 2000.
- LABAN, Michel. *Angola: Encontro com escritores*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1991. 2 v.
- LABAN, Michel. *Cabo Verde: Encontro com escritores*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1992. 2 v.
- LABAN, Michel. *Luandino-José Luandino Vieira e a sua obra*. Lisboa: Edições 70, 1980.
- LABAN, Michel. *Mário Pinto de Andrade: Uma entrevista*. Lisboa: Sá da Costa, 1997.
- LABAN, Michel. *Moçambique: Encontro com escritores*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1998. 3 v.
- LABAN, Michel. *São Tomé e Príncipe: Encontro com escritores*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 2002.
- LEITE, Ana Mafalda et al. *Nação e Narrativa Pós-colonial IV*. Literatura & Cinema. Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe. Entrevistas. Lisboa: Colibri, 2018.
- LEITE, Ana Mafalda; KHAN, Sheila; FALCONI, Jessica; KRAKOWSKA, Kamila. *Nação e Narrativa Pós-colonial II*. Angola e Moçambique. Entrevistas. Lisboa: Colibri, 2012.
- LEJEUNE, Philippe. *Je est un autre*. L'autobiographie de la littérature aux médias. Paris: Seuil, 1980.
- MASSCHELEIN, Anneleen; MEURÉE, Christophe; MARTENS, David; VANASTEN, Stéphanie. The literary interview: Toward a poetics of a hybrid genre. *Poetics Today*, v. 35, n. 1-2, p. 1-49, mar./aug. 2014a.

MASSCHELEIN, Anneleen; MEURÉE, Christophe; MARTENS, David; VANASTEN, Stéphanie. The literary interview: An annotated bibliography. *Poetics Today*, v. 35, n. 1-2, p. 51-116, mar./aug. 2014b.

MENESES, Maria Paula; BIDASECA, Karina. *Epistemologías del Sur*. Buenos Aires; Coimbra: CLACSO; CES, 2018.

PORTELLI, Alessandro. L'inter-vista nella storia orale. In: PISTACCHI, Massimo. *Vive voci: l'intervista come fonte di documentazione*. Roma: Donzelli, 2010. p. 3-12.

RIBEIRO, Margarida Calafate; MENESES, Maria Paula. *Moçambique das palavras escritas*. Porto: Afrontamento, 2008.

RIBEIRO, Margarida Calafate; ROTHWELL, Phillip. *Heranças pós-coloniais nas literaturas de língua portuguesa*. Porto: Afrontamento, 2020.

SAÚTE, Nelson. *Os Habitantes da Memória: entrevista com escritores moçambicanos*. Praia; Mindelo: Embaixada de Portugal; Centro Cultural Português, 1998.

WILKINSON, Jane. *Talking with African Writers: Interviews with african poets, playwrights & novelists*. Portsmouth: Heinemann Educational Books, 1992.

Jessica Falconi é investigadora doutorada no CEsA/ISEG/ULisboa. É doutorada em Estudos Ibéricos pela Universidade de Nápoles (Itália) “L’Orientale”, onde leccionou na área das literaturas lusófonas e da língua portuguesa. Foi bolseira de pós-doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Portugal). Em 2018 foi professora visitante na Universitat Autònoma de Barcelona (Espanha) onde dirigiu o Centro de Língua Portuguesa/Instituto Camões. Tem publicado em revistas nacionais e internacionais na área das literaturas e dos cinemas africanos de língua portuguesa, com especial enfoque na literatura moçambicana.